



O PÊNDULO DE EUCLIDES, MAIS QUE FICÇÃO:

Um diálogo entre história, memória e identidade

GIRLEIDE BARBOSA FONTES*

O encontro entre a literatura e a história aconteceu há muito. No entanto, esse ainda é um assunto bastante discutido entre estudiosos de ambas as áreas, principalmente no que diz respeito às possibilidades e impossibilidades dessa relação.

Por conta dos questionamentos acerca do entrecruzamento entre a literatura e a história, a historiadora Sandra J. Pesavento (2006) define essa relação enquanto —uma *velhanova* história, pois entende que o diálogo entre essas áreas do conhecimento, apesar de antigo, sempre tende a ser revisitado diante das inquietações que surgem por parte de estudiosos. Desse modo, ela assegura que:

Para enfrentar esta aproximação entre estas formas de conhecimento ou discursos sobre o mundo, é preciso assumir, em uma primeira instância, posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que, em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real, ciência ou arte. Nesta primeira abordagem reflexiva, é o caráter das duas formas de apreensão do mundo que se coloca em jogo, face a face, em relações de aproximação e distanciamento (PESAVENTO, 2006).

Dentro desse prisma, percebe-se que, segundo Pesavento (2006), esse diálogo pode ser possível, na medida em que se entenda a literatura e a história enquanto formas de conhecimento e leituras de mundo que permitem possibilidades de estudos em comum, desde que se adote uma postura relativista diante dos conceitos distintos que as distanciam.

Valter G. Soares (2002:153) tem um pensamento que se assemelha àquele. Ao estudar a interface entre a literatura e a história, na análise das obras *Fidalgos e vaqueiros* de Eurico Alves, e *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa, o teórico pontua que —guardadas certas especificidades, poderíamos considerar a Literatura e a

*Universidade do Estado da Bahia, mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.



História como leituras possíveis do real⁴, uma vez que os discursos não apenas representam, mas também instituem a realidade.

No que tange ao campo literário, nem sempre os elementos externos ou sociais foram considerados como parte relevante do texto, haja vista ser o elemento que a Literatura à História, mas hoje os estudos teórico-metodológicos levam em conta sua importância, como aponta Antonio Candido (2006) ao afirmar que:

[...] antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2006: 13).

Diante do trecho supracitado, verifica-se que os fatores sociais, na literatura, são parte integrante da própria construção artística, vez que é impossível dissociar texto de contexto. Desse modo, é equivocado analisar uma obra literária sem levar em consideração os fatores externos, pois essa é fruto de um conjunto que envolve a sociedade e a estética.

O romance *O Pêndulo de Euclides*, de Aleilton Fonseca, é uma típica narrativa literária, construída a partir de uma relação dialógica com o conhecimento científico, principalmente a História. Assim, em consonância com o que pontua a pesquisadora Adriana Boudoux (2008: 08) ao analisar a contribuição da literatura no romance *Cascalho* de Herberto Sales, “a literatura aqui estudada é tomada não exclusivamente como objeto estético, mas como artefato histórico, inscrita no tempo e no espaço, produto e produtora da história.”

A ideia de escrever sobre a Guerra de Canudos, segundo o narrador, um professor- pesquisador, já era algo antigo, mas que ganha ânimo a partir de uma fala polêmica lançada num seminário do qual ele participava, quando um conferencista encerra o evento com o seguinte discurso: “a guerra era um tema exaurido. Nada de novo havia a dizer ou acrescentar. Tudo estava dito, registrado, lido e analisado” (FONSECA, 2009: 13). É daí que o personagem narrador começa a contar a sua

história, mostrando que há muito a dizer sobre essa guerra, sujeitos e histórias ainda silenciados. Nessa perspectiva, o romance é narrado com um olhar voltado àqueles que foram vencidos pelos republicanos, os sertanejos, mais precisamente seu Ozébio, um dos personagens centrais da obra.

Veio-me à tona uma ideia que desde alguns anos me martelava a cabeça. Havia tempos eu planejava ir até a região de Canudos para conhecer o local da guerra. Queria conversar com as pessoas, anotar suas impressões, elaborar um texto. Pretendia recolher resquícios da memória do conflito a partir de depoimentos dos descendentes dos sertanejos (FONSECA, 2009: 13).

Este trecho revela um momento de luminosidade na narrativa, no qual o narrador percebe que é chegada a hora de fazer o que sempre teve vontade, principalmente por saber que poderia desconstruir a ideia estanque daquele conferencista, vez que nada está acabado ou concluído, pois sempre haverá outro ponto de vista ou algo a mais pra se dizer.

Partindo desse pressuposto, pode-se considerar que o trecho supracitado trata-se de uma epifania, conceito trabalhado por muitos críticos e estudiosos que pode ter um cunho místico-religioso ou um caráter literário. Neste trabalho, é considerada a segunda opção. Segundo Olga de Sá (1979: 170) epifania “é um momento de êxtase, que gostaríamos de prender entre os dedos. Vistos sob uma luz instantânea e nova, podemos tentar fixar tintas e cores estranhas, odores delicados ou as feições de um ser amado.” Esse deslumbramento continua no romance, quando o narrador tem a certeza que precisava conhecer e escrever sobre Canudos:

O conferencista fora enfático ao afirmar: “Canudos é um tema exaurido.” Discordei na hora. Não, não é, pensei comigo mesmo. E de novo me animei. Tudo isso açulou meu antigo desejo de percorrer o sertão de Antônio Conselheiro. Eu podia visitar o local da guerra e depois escrever o livro. Peguei o mapa da região, anotei as informações gerais na agenda e preparei a mala de viagem. Eu precisava conhecer Canudos (FONSECA, 2009: 14).

O ritmo dessa passagem denota uma certa pressa, demonstra um momento de êxtase do narrador, haja vista tudo convergir para realização de seus sonhos. É a partir daí que a narrativa começa a se desenrolar, na qual irá ser contada uma história diferente da já conhecida e cristalizada nos livros e na historiografia tradicional.

Para além disso, a fala do narrador certifica, mais uma vez, a relação entre a literatura e a história, marcante no romance. Pois, na História um dos métodos

utilizados como fonte de pesquisa é a ida a campo, aos arquivos, em busca de documentos escritos, analisar os indícios que dizem sobre os acontecimentos passados, ou em busca das fontes orais. Já na Literatura, a viagem campo tem se tornado comum entre muitos escritores. Pode-se citar dentre os literatos baianos Antônio Torres, e inclusive Aleilton Fonseca, os quais já deixaram claro em muitas entrevistas essa prática.

Euclides da Cunha, por exemplo, é um dos autores de outrora que escreveu sua obra-prima, *Os sertões*, a partir da viagem que fez a Canudos, a pedido de um jornal, para escrever reportagens sobre o conflito, e posteriormente produzir um livro, cujo se tornou um clássico da literatura. O professor de teoria literária Roberto Ventura (1997) explica sobre essa ida do jornalista ao local da guerra:

Euclides foi enviado à frente de batalha como correspondente de O Estado de S. Paulo, para escrever uma série de reportagens e preparar um livro sobre a guerra. Participou, de agosto a outubro de 1897, da quarta e última expedição. Tomou contato com uma cidade semi-destruída pelos constantes bombardeios, com seus habitantes privados de água e comida devido ao cerco do Exército (VENTURA, 1997: s/p).

O clássico *Os sertões* foi fruto dessa ida a campo de seu escritor, o qual além de observar e registrar os episódios relacionados a guerra, colheu outras fontes possíveis para a escrita do romance, depoimentos orais, poemas populares, profecias, cadernos de anotações, não tendo acesso apenas aos sermões escritos por Antônio Conselheiro.

Outro ponto relevante que chama a atenção em *O Pêndulo de Euclides* (2009) é a sabedoria do sertanejo, seu Ozébio, o conhecimento de sua história, de seus antepassados, o que difere e se distancia dos textos literários de outrora, como é caso do personagem Fabiano, o homem de poucas palavras, de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas* (1938). Albuquerque Júnior (2009) ao analisar os discursos que contribuíram para construção do Nordeste, destaca a obra graciliana nesse cenário e ressalta que:

Graciliano continua preso à imagem tradicional de que o homem sábio se encontra na cidade ou no litoral. Para ele, o sertanejo continua sendo um homem sem voz, e embora não seja mais desprovido de um mundo interior, seus personagens meditam sobre o mundo, sobre a realidade que os cerca, mas o que predomina é a incompreensão, a incapacidade de passar do olhar, do pensamento à fala (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009: 259).

Diferentemente de Graciliano, Aleilton Fonseca apresenta o sertão não como um lugar exótico, mas como um lugar cheio de vida e sentido. Como pontua Lima (2003), “as histórias de Aleilton Fonseca não buscam o exotismo temático e/ou lingüístico. Os enredos são simples, embora não simplistas.” A escrita de Fonseca se assemelha à de Guimarães Rosa. Neste último, como pontua Albuquerque Júnior (2009) “o sertão vai irromper como discurso sábio na ficção brasileira”. Essa aproximação não acontece por acaso. Fonseca dialoga com Rosa, exemplo disso é a homenagem que faz à literatura roseana em *Nhô Guimarães* (2006). Esse romance é uma homenagem a Guimarães Rosa, como indica o próprio Aleilton, no qual faz uma configuração do sertão enquanto um lugar de memória.

Além de ficcionista, Aleilton Fonseca exerce várias outras atividades, inclusive de professor e pesquisador, o que contribui para que sua obra, de cunho literário, dialogue com outros autores bem como com o conhecimento científico. Como indica o poeta Luís Antonio Cajazeira Ramos (2009), na apresentação do romance:

Aleilton Fonseca se encontrou como escritor – com as anotações descritivas, que revelam sua arguta percepção do universo sertanejo; com seus diálogos ensaísticos, que atestam a segurança dissertativa de conceitos e argumentos; e com uma narrativa engenhosa, que encontra vazão ao prumo da arte ficcional (RAMOS, 2009: s/p).

Diante do que fora supracitado, pode-se equiparar *O Pêndulo de Euclides* (2009) a outras obras com essas características. Soares (2002: 156) ao analisar as obras *Fidalgos e vaqueiros*, de Eurico Alves, e *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa as compara às “produções literárias que parecem esconder textos/documentos autênticos, a exemplo de *O nome da rosa* (Umberto Eco), *Viva o povo brasileiro* (João Ubaldo Ribeiro), *Agosto* (Rubem Fonseca)”. Partindo desse pressuposto pode-se acrescentar o romance de Aleilton Fonseca, *O Pêndulo de Euclides*.

O diálogo com outros autores e outras fontes contribui para que o romance de Fonseca (2009) possa ser considerado um texto dialógico, conceito utilizado por Mikhail Bakhtin (1993) que destaca a intervenção externa de outras linguagens num texto:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo com seu prolongamento, com

sua réplica, e não sabe de que lado se aproxima desse objeto (BAKHTIN, 1993: 86).

De acordo com a passagem, o discurso dialógico é constituído por uma rede de conhecimentos que dialogam entre si, se organizam e vão se formando e reformulando conforme o contexto social, mas sem deixar de lado as produções de outrora. Em diálogo com Bakhtin sobre o dialogismo instituído por esse, Julia Kristeva (2005: 68) pondera que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*, e a linguagem poética pelo menos como dupla”.

Desse modo, nas entrelinhas do romance *O Pêndulo Euclides* (2009) é notório esse dialogismo, através desse mosaico de textos que constituem esse romance, o diálogo com Euclides da Cunha é evidenciado a partir do próprio título do romance, mas a intertextualidade com outros autores, outros textos também é evidente, exemplo disso é a frase “o sertão está em todo lugar”, que foi dita primeiramente pelo personagem Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*, e, posteriormente, aparece em no romance de Aleilton Fonseca, na voz de seu Ozébio, no final do livro.

A narrativa *O Pêndulo de Euclides* é desenvolvida, principalmente, a partir das lembranças e recordações de um personagem sertanejo, seu Ozébio, o qual ao ser instigado pelo narrador, o professor-pesquisador, e seus amigos, começa a rememorar o que seu avô vivera durante a guerra de Canudos e o convívio que o mesmo teve com Euclides da Cunha. Nesse sentido, o romance apresenta Canudos como um memorial.

Ao ser convidado pelo professor a contar suas histórias, seu Ozébio diz: “estava aqui bem quieto, e aí vem o senhor me puxar a fé lá de dentro de meu coração esquecido” (FONSECA, 2009: 45), ou seja, essas lembranças apesar de quase esquecidas, ainda estavam vivas e serão trazidas à tona, demonstrando marcas e cicatrizes, mas também uma percepção mais clara e consciente acerca dos acontecimentos passados. Através dessas memórias, o sertanejo apresentará não apenas a história de seu avô, mas de uma comunidade, e vem acompanhada pela presença de Euclides da Cunha. A presença do escritor-jornalista, entre tantas outras funções exercidas por Euclides da Cunha aparece não somente nas histórias contadas por seu Ozébio, mas inclusive nas lembranças do professor-pesquisador que relembra suas leituras e diálogos com *Os Sertões*.

Desse modo, percebe-se a importância da memória para a sociedade canadense, pois, na narrativa, as reminiscências contribuem para manter viva uma história de luta, bem como ajudam na reconstrução, afirmação e desconstrução de representações identitárias de sujeitos e lugares. Para uma melhor compreensão sobre o papel da memória, Margarida Neves (1998) explica que:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (NEVES, 1998: 218).

Neves (1998) sistematiza o conceito de memória levando em consideração o tempo e o espaço, apresenta a importância dessa para o indivíduo e o coletivo, e destaca que não pode restringi-la apenas ao passado, pois o presente e o futuro também a compõem. O romance de Aleilton (2009) se insere nesse contexto, vez que é marcante nas falas do sertanejo sua indignação quanto ao passado, mas ao mesmo tempo percebe-se que ele tem uma melhor compreensão dos acontecimentos no presente.

Por ser dinâmica e viva, a memória não se restringe apenas a um único indivíduo. Geralmente ela tende a ser compartilhada, como uma troca de experiência vivida ou transmitida ao longo da vida. Pois, a memória é um diálogo que se constitui entre o presente e o passado. Por isso é que se torna interessante essa troca entre as diferentes gerações numa família, como aconteceu com seu Ozébio, o qual guarda a experiência vivida por seu avô, e que lhe ajudou ter um melhor entendimento do seu presente, como diz ele:

Aqui tem histórias. Meu avô proseava, às vezes falhando na memória, então meu pai inteirava os termos, eu ia só ouvindo e resguardando. Aquilo era igual aos causos de trancoso que os grandes contam com gosto pra assombrar os pirralhos. Meu avô gostava de contar os fatos que viu e viveu, pra ensinar aos outros sua experiência. Ele não deixou retrato, mas ainda me lembro de suas feições. Dele herdei o nome e as histórias repassadas, que isso fica de boca em ouvido, de pai pra filho, de avô pra neto. Compreenda: isto são os nossos dizeres, não sabe? (FONSECA, 2009: 46).

O romance apresenta as tradições orais, das histórias contadas, dos testemunhos passados entre gerações, que além de uma troca de experiência, é também considerada uma herança, devido à sua relevância para o descendente. Segundo Michael Pollak

(1989: 4), a memória, dá voz e vez aos marginalizados ou excluídos das fontes escritas “a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional.” Na literatura, esse contraponto às histórias canonizadas pode ser mais frequente, haja vista essa se permitir ficcionalizar, não precisando de um método de pesquisa que comprove a veracidade dos acontecimentos.

Partindo dessa perspectiva, a narrativa aqui analisada reconstrói, por meio desses recursos, um acontecimento real, que foi ficcionalizado, e apresenta um ponto de vista que tende a ampliar a abordagem sobre a guerra de Canudos, vez que mostra personagens até então marginalizados pelos textos canonizados. No trecho seguinte, por exemplo, o senhor se emociona ao lembrar-se do seu passado, desconstruindo alguns conceitos formulados outrora:

A lembrança de seus avós emocionou o sertanejo. Ele ficou em silêncio durante alguns minutos, e eu respeitei seu momento. Aos poucos se refez. Fingindo limpar os olhos, esfregou suavemente as pálpebras. Daí retomou a prosa: - Vocês, gente formada, escrevem coisas de espantar. Descreio. Ora dou risadas, ora me irrita muito. Às vezes é imensa a ignorância dos sábios. Por exemplo: escrevem e ensinam que os sertanejos de Canudos eram jagunços. Ora! Jagunços, como?! Vocês, homens doutores, sabem mesmo o que é ser jagunço? (FONSECA, 2009: 51).

As lembranças, nesse caso, além da emoção transparente, também apresentam um tom de indignação, pois segundo o sertanejo, muitos não sabem de fato quem eram os jagunços, pois o assemelhavam aos sertanejos que estiveram ao lado de Antônio Conselheiro durante a guerra. No entanto, ele vai mostrar que o jagunço era uma pessoa que atendia às vontades dos coronéis. Nessa perspectiva, a memória, como já foi dito, não assume apenas o papel de narrar o passado, mas contribui para que os sujeitos compreendam melhor o presente e reflitam sobre o futuro. Como frisa Le Goff (2003: 422), a memória é “um dos meios fundamentais para abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.” Esse conceito encontra reverberação em *O Pêndulo de Euclides*, pois a memória nesse caso, cumpre esse papel. Vários são as passagens da narrativa que convergem com essa ideia, como fica explícito na fala do personagem seu Ozébio:

Acabei de lhe contar a história de meu avô. Se o senhor vivesse aqui naquele tempo e tivesse uma terrinha boa, um dia o coronel vizinho podia querer alargar as cercas dele. Então lhe comprava a posse? Que nada! Mandava os

jagunços à sua porteira avisar sem papel escrito, que as terras eram desde sempre do coronel. O senhor se arribasse dali com sua gente e seus pertences pra não morrer na bala ou na faca. Então o senhor ia saber se era grande, pequeno ou mais ou menos. Ia enfrentar? Doidice. Os jagunços, armados e com sede de briga, de maus modos e risadas de mangação. O senhor era humilhado. Ia ter de juntar seus trens e sair pelo sertão afora como retirante da seca. No desespero, se desse um tiro de espingarda velha, recebia uma chuva de tiros de garrucha nova. E sua pouca família podia acabar ali mesmo, na hora, sem deixar rastros no mundo. Aí, sim, o senhor ia saber direito o que é jagunço. Aí, sim, podia escrever o correto nos livros (FONSECA, 2009: 52).

O sertanejo, numa linguagem literária, reconstitui um acontecimento histórico – os conflitos agrários – que surgiram desde a colonização do Brasil com a divisão das terras em capitânicas hereditárias e ganharam intensidade na região de Canudos, quando da deflagração da guerra. Macedo e Maestri (1997), historiadores, analisam a questão agrária, na época desse confronto e destacam que:

Em meados do século XIX, menos de 5% da população rural possuía terras. Paralelamente ao processo de crise do sistema escravista, diversas leis procuraram regular as formas de acesso à propriedade, proibindo a distribuição gratuita de terras às comunidades necessitadas, restringindo as possibilidades de aquisição pelas camadas pobres e facilitando a concentração fundiária das oligarquias locais. Em 1895, o governo baiano promulgou a Lei nº 286. Ela estabelecia como devolutas as terras que não tinham uso público, as de domínio particular sem título legítimo, as posses que não se fundassem em documentos legítimos e os terrenos de aldeias indígenas extintas por lei ou pelo abandono dos seus habitantes. Dois anos depois a Lei nº 198, de 21 de agosto de 1897, declarava terras devolutas as que não tivessem título legal e as que não fossem legalizadas em tempo hábil. Ambas as leis fragilizavam a situação dos ocupantes pobres de terras familiares não comprovadas por documentos que ficavam sujeitos a perdê-las a qualquer momento, mediante a pressão dos grandes fazendeiros. Ao mesmo tempo, forçavam os posseiros a permanecer atrelados e dependentes aos personagens politicamente influentes. Nesse contexto geral o arraial de Belo Monte transformou-se em uma espécie de ‘terra prometida’, à margem dos males da terra, para os adeptos e simpatizantes do líder religioso (MACEDO; MAESTRI, 1997: 47-48).

O trecho supracitado converge com as memórias de seu Ozébio, haja vista ambos os textos, consideradas as diferenças, enquanto um é literário o outro é histórico, abordam os conflitos entre latifundiários e pequenos agricultores, problema este que existia há tempos e ganhou intensidade durante a guerra de Canudos, pois os grandes proprietários de terra não aceitavam que os pequenos proprietários tivessem um lugar para plantar e se tornarem autossuficientes, sem depender das migalhas daqueles. Desse modo, a memória serve de base para reflexão sobre diversas questões e não apenas como armazenamento de informações, servindo de elo entre os tempos e os

acontecimentos. Sobre esta relação, Ecléa Bosi (1987) ajuda a entender a importância da memória para os sujeitos no decorrer dos tempos, ao dizer que:

Quando uma sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (BOSI, 1987: 40).

Bosi (1987) mostra que quando a memória é reavivada, reverbera no tempo e no espaço. Diferentemente, se ela ficasse no esquecimento, seria um acúmulo de lembranças sem sentido, o que resultaria numa sociedade vácuca. Nessa direção, o romance de Aleilton Fonseca (2009) preenche espaços vazios que não encontraram vez em textos canonizados. Mas, as memórias de seu Ozébio e as tradições orais apesar de ficcionalizarem um acontecimento real, ressoaram, mostrando que sempre existe outro ponto de vista, principalmente sobre as identidades dos sujeitos que estiveram na guerra de Canudos.

Ao narrar às memórias da guerra, *O Pêndulo de Euclides* (2009), apresenta a linguagem singular de seu Ozébio, diferente da coloquial ou científica que se costuma ver nos livros que narram o episódio que marcou Canudos, inclusive no romance *Os Sertões*, que apesar de ser um livro de cunho literário, se aproxima muito mais de um livro científico que da ficção. Assim, o sertanejo lembra quando tudo começou, o que deu estopim à guerra:

A pendenga começou em novembro de 1896. E foi por causa da birra de um juiz, um tal de Arlindo Leone, que era um sujeito soberbo e falto de entendimento. Ele tinha um ódio mortal ao Conselheiro. Tempos atrás o beato tinha enfrentado esse juiz na vila de Natuba, dizendo ao povo para desobedecer às leis do governo. O juiz, todo cheio de poderes, deu ordens pra a gente pagar uma porção de imposto. Qualquer coisa que vendesse na feira, era obrigado a pagar uma taxa. Ele mandou escrever suas ordens na tábua e pendurar na feira. E tinha mais: quem não pagasse ia ser preso na cadeia sem poder choramingar. O povo foi logo se queixar ao Conselheiro. Ora! O governo não fazia nada e ainda mandava tomar dos pobres o pouco que arranjavam com o suor do rosto labutando de a sol a sol? Nosso Conselheiro pregava nas feiras junto com os fiéis, cantando benditos e rezando o terço. Então, resolveu defender o povo contra as ordens do juiz. Pregou contra os impostos, abriu os braços e gritou: “Maldita é a República com suas leis!” (FONSECA, 2009: 109-110).

Com um discurso linguístico próprio, seu Ozébio reconstrói o começo de tudo, o que deu origem ao *Primeiro Fogo*, como intitula o autor do romance, ao organizar as

fases da guerra, que muitos estudiosos chamam por “expedições”. As tensões entre o juiz e Conselheiro, por conta da cobrança de impostos, foi um dos principais motivos que contribuiu para eclosão de uma guerra, que já estava prestes a explodir, só precisava de uma causa. O historiador Rogério Silva (2001) explica esse momento da guerra, e aponta como um dos equívocos criados pelos insatisfeitos com a presença do líder religioso dos sertanejos, como mostra o trecho que segue:

Três fatores estão presentes na guerra de Canudos e na formação da imagem de Conselheiro: as mentiras, as calúnias e a manipulação política, surgidas principalmente nos períodos mais dramáticos dos combates. Os próprios eventos que levaram àquela explosão de violência tiveram como estopim os boatos espalhados pelo juiz de direito da cidade de Juazeiro, na Bahia, Arlindo Leone. A ameaça de invasão que, segundo o juiz, os conselheiristas empreenderiam naquela cidade levou as forças da ordem a iniciar o sangrento conflito. Portanto, informações falsas e Canudos andaram juntas desde o princípio (SILVA, 2001: 197).

Além desse conflito envolvendo o juiz de direito, o historiador destaca que a imagem negativa sobre Antônio Conselheiro foi uma construção, por conta da insatisfação gerada com as realizações deste, que foram potencializadas durante a guerra. Nesse paralelo entre o romance e o teórico, fica perceptível, mais uma vez, a relação dialógica entre a literatura e a história, além de mostrar o narrador daquela passagem como um sujeito dotado de sapiência.

As experiências que são apresentadas em *O Pêndulo de Euclides* (2009) revelam conhecimentos marcantes de seus narradores, ora do professor-pesquisador, ora do sertanejo, que em sua maioria são narradas para os interlocutores oralmente, através das memórias que ambos usam para contar suas histórias.

Em *O Pêndulo de Euclides* (2009) a busca por uma representação identitária que se aproxime do contexto sertanejo é bastante nítida, pois em meio a marginalidade histórica a qual o sertanejo viveu, nesse romance percebe-se que o olhar parte de dentro do sertão, para falar do sertão, e não de fora para dentro, como geralmente acontecia. Assim, através de sua fala, o sertanejo, seu Ozébio, busca instituir sua identidade. Acerca dessa questão, o diálogo com Valter Guimarães Soares (2002) é pertinente, pois o mesmo denomina enquanto uma fala que se pretende sertanejadora, esse tipo de discurso.

O conceito de identidade neste trabalho é considerado enquanto uma representação, ideia proposta por Roger Chartier (2002), haja vista este verificar através

de estudos teórico-metodológicos que o mundo social é uma construção ou invenção humana, criado a fim de dar sentido e ajudar na decifração do presente, por interesses de grupos que o forjam. Desse modo, segundo ele, a identidade e a ideia de representação convergem na medida em que:

[...] os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, um poder; enfim, as formas institucionalizadas através das quais 'representantes' encarnam de modo visível, 'presentificam', a coerência de uma dada comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder (CHARTIER, 2002: 169).

Partindo desse pressuposto, a ideia de representação expressa relações de poder, que buscam demonstrar ou se aproximar de como os sujeitos se identificam no mundo, a partir de símbolos que sejam significativos para esses; assim, ajudam na constituição de identidades.

Aleilton Fonseca (2009) representa o personagem seu Ozébio, um sertanejo, a partir dos signos representados por esse, tentando se aproximar ao máximo da realidade do grupo social que o personagem sertanejo representa. Essa característica apresentada no romance desse escritor é perceptível em outros livros dele, diferentemente do que se via nas escritas de autores de outrora. Uma das explicações plausíveis é que Aleilton Fonseca é de uma geração literária que apresenta um olhar diferenciado dos convencionais. Em seus escritos ele se aproxima de Guimarães Rosa, haja vista ambos buscarem mostrar as veredas de um sertão que mesmo diante de tantas complexidades, é vivo, resistente, e que representa a multiplicidade de um país e seus sujeitos. Assim, as particularidades daquele lugar, para esses escritores são significativas. Por esta razão a ideia de apresentar um acontecimento relacionado ao sertão através do olhar e da voz sertaneja, fazem de Aleilton um escritor de seu tempo.

No que diz respeito à construção identitária de um lugar, pode-se perceber, por exemplo, como a ideia que se tem sobre o “sertão” já vem impregnada de rótulos, e representações. Segundo Janaína Amado (1995) já se falava em “sertão” antes mesmo da chegada dos portugueses. Além de fazer parte do pensamento social e do imaginário brasileiro, o sertão também faz parte de uma construção cultural, colonial e espacial. Do ponto de vista geográfico, essa teórica define da seguinte maneira o sertão:

[...] materializando-se de norte a sul do país como sua mais relevante categoria espacial: entre os nordestinos é tão crucial, tão preñhe de significados, que, sem ele, a própria noção de “Nordeste” se esvazia, carente de um de seus referenciais essenciais (AMADO, 1995: 145).

A partir desse trecho, se evidencia como o sertão não serve apenas para designar uma região, mas se tornou parte dela, principalmente quando se trata do “Nordeste”, apesar do sertão não se restringir apenas a essa região.

As literaturas, sejam de cunho literário ou historiográfico, contribuem para reforçar no imaginário social as construções identitárias, pois, como já foi dito, seus textos se aproximam da realidade social. Para tanto, ela faz uma retrospectiva acerca das abordagens literárias e historiográficas que têm como ponto nevrálgico o sertão, o qual para a teórica é relevante não apenas no desígnio de uma região, mas da nação. Ainda segundo ela, “a literatura brasileira povoou os variados sertões que construiu com personagens colossais, poderosos símbolos, narrativas míticas, marcando com eles forte, funda e definitivamente o imaginário brasileiro” (AMADO, 1995: 146).

Ainda sobre a constituição identitária do sertão, a pesquisadora Cláudia Vasconcelos (2007) buscou analisar a configuração desse lugar diante da construção da identidade baiana e, percebeu que os textos referentes à baianidade geralmente se restringiam ao litoral, urbanização e capital, ou seja, por vezes o sertão foi renegado ou discriminado. No entanto, esse olhar foi se transformando a partir principalmente de literatos como Guimarães Rosa e Eurico Alves, assim segundo essa pesquisadora:

A idéia de Sertão tem estado presente no acervo de referências sobre o Brasil desde os tempos coloniais. De diversas formas e através de diferentes leituras, este item se configura como essencial para a construção de uma identidade nacional, aparecendo de forma ambígua e conflituosa nos discursos dos intelectuais e de outros agentes que tomam parte nesse processo (VASCONCELOS, 2007: 103).

Em *O Pêndulo de Euclides* (2009), por exemplo, além de outras obras de Aleilton Fonseca, se evidencia um pouco de como o sertão é representado literariamente sob uma perspectiva na qual esse lugar ocupa um lugar central e não estereotipado. Naquele romance, por exemplo, se percebe o sertão de forma, agradável e aconchegante, apesar dos conflitos e lutas que lá existiram. Em um dos trechos, o professor-narrador descreve esse cenário singular: “Dona Doralina trouxe o bule cheio. Seu Ozébio nos serviu as canequinhas. E o café enfumaçava o ar com sabor irresistível e aroma de cravo. O sertão nos mostrava seus encantos à mesa” (FONSECA, 2009: 136).

A partir dessa passagem do romance, pode-se perceber, por exemplo, a estreita relação que a literatura tece a realidade e com o imaginário social. A descrição dos detalhes, além da menção a símbolos e linguagens, que por sua repetição e visibilidade não apenas nos textos literários, mas em músicas, filmes e outros tendem a representar uma imagem identitária do sertão e do sertanejo. No entanto, no romance de Aleilton Fonseca (2009) essas representações não aparecem de forma negativa, ao contrário, valorizam o que o sertão tem a oferecer.

No tange às questões identitárias apresentadas pelo romance, pode-se perceber as tensões entre aquilo que já foi dito, ou silenciado, e aquilo que se deseja dizer, mostrar. Assim, o conceito de identidade, como construção humana, subjaz ao contexto ao qual está circunscrita. No texto de Aleilton Fonseca (2009), aquela que um dia esteve à margem, hoje se permite falar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. 4 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 3ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

BOUDOUX, Adriana Silva Teles. **Entre o céu e o inferno: garimpendo representações no romance das Lavras Diamantinas**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. **Poderes e limites da representação Marin, o discurso e a imagem**. In: _____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 163-180.

- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).
- FONSECA, Aleilton. **O Pêndulo de Euclides**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- LIMA, Ricardo Vieira. *A Tarde*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 01 de julho de 2014.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Em línea], Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>.
- SOARES, Valter Guimarães. **Dos Gerais a Itapororocas: Os Sertões**. In: Revista do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia – UEFS – Ano 1, n.1 (jan./jun. 2002) – Feira de Santana: UEFS, 2002.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LE GOFF, Jaques. **Memória**. In: História e Memória; trad. Bernardo Leitão [et al] 5 ed. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2003.
- MACEDO, José Rivair; MAESTRI, Mário. **Belo Monte - uma história da guerra de Canudos**. Ed. Moderna SP, 1997.
- NEVES, Margarida. **História e memória**. In: MATTOS, Ilmar R. (org). *Ler e Escrever para Contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- SILVA, Rogério Souza. **Antônio Conselheiro: a fronteira entre a civilização e a barbárie**. São Paulo: Annablume, 2001.
- SOARES, Valter Guimarães. **Dos Gerais a Itapororocas: Os Sertões**. In: Revista do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia – UEFS – Ano 1, n.1 (jan./jun. 2002) – Feira de Santana: UEFS, 2002.
- VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
- VENTURA, Roberto. **Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa**. In: Revista de Antropologia. Volume 40, nº1. São Paulo, 1997.

